



[Home](#) [Índice](#)

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A FELICIDADE

Ângela Zamora Cilento

Professora do Curso de Filosofia - Mackenzie

Para o nosso baú, Agostinho, meu lindo

Em recente entrevista concedida para a revista Mackenzie sobre o tema felicidade e a convite do professor Jorge Gutierrez, resolvemos colocar neste artigo algumas considerações a respeito, pois longe de serem apontamentos definitivos, afinal, estamos na situação de eternos aprendizes, nos permitirão algumas reflexões quanto não só ao conceito de felicidade, mas na maneira como a encaramos na nossa vida.

Certamente, há alguns quesitos básicos, tanto num quanto em outro aspecto, pois dificilmente poderemos falar de felicidade, quando as condições mínimas de existência não estão satisfeitas, e quando este estado parece ser um sonho irrealizável. Assim, também o 'estar-feliz' corresponde necessariamente tanto a um estado de paz interior – aquilo que Descartes chamará de beatitude, ou os estóicos com o exercício da ataraxia, quanto à intensidade do turbilhão de emoções que nos projeta para 'fora-da-história'. Visões diferentes que serão discutidas e desdobradas nos parágrafos seguintes. Assim, reelaboramos um novo texto, aproveitando um novo momento, como aqueles onde a felicidade não é buscada, ela acontece, num momento inesperado, talvez, no acaso, mas que sem dúvida, porque se define como tal merece toda nossa dedicação.

Certamente, como dissemos a pouco, não seria possível reduzir a uma só definição o que é felicidade. Tal assunto foi explanado por diversos pensadores, sob óticas diversas. Acredito que podemos então, passear um pouco pelos clássicos, ou pelo menos, por alguns deles.

Mas antes, recorramos às idéias de Julian Mariás em “A Felicidade Humana.” Logo no prefácio, o autor começa se perguntando se há alguma felicidade que não seja a humana, por exemplo, os animais ou os anjos seriam felizes? Logo em seguida, ele percebe que estas realidades estão distantes de todos nós, e portanto, não teríamos como discorrer sobre elas. Assim, detendo-se na realidade humana, Mariás, faz um levantamento lingüístico, pois

“ remete-nos diretamente ao que se entende quando se nomeia uma realidade; as diversas acepções de uma mesma palavra descobrem flancos ou aspectos da realidade em questão, e o fato de que se usem diversos nomes indica outros tantos pontos de vista ou perspectivas sobre essa realidade.” (MARIAS:1989, P.12)

Primeiramente, as palavras que correspondem à felicidade são: dita, sorte, fortuna, beatitude, ventura, bem-aventurança, assim como seus opostos indicam realidades contrárias à felicidade: infelicidade, desgraça, desventura, má sorte, infortúnio, ou má-fortuna. Quando nos falta algo, caímos em desventura. Em segundo lugar, não há um verbo da felicidade. “Será que é porque a felicidade não é uma ação? O verbo é a forma que a expressa. Os relacionados com a felicidade formam-se com os adjetivos e o verbo ‘ser’.” (MARIAS: 1989, P.13). Em terceiro, desejamos Felicidades a alguém no aniversário e não felicidade.

Tal conceito está atrelado inevitavelmente ao seu contexto histórico, isto é, ao que as pessoas em determinada época entendiam por felicidade. Em vários

momentos ela está 'confundida', valendo-nos da expressão de Marias, com alegria, bem-estar, e prazer e são realidades que têm a ver com a felicidade.

"A felicidade tem que ver com muitas coisas, e a infelicidade com as opostas, não se confunde porém com nenhuma delas. (...) o homem não cessa de procurá-la: tudo o que faz, o faz com o propósito mais ou menos deliberado, pelo menos com a esperança de aumentar a felicidade. É algo que enche a nossa vida, na forma de ausência que seja, da privação, da busca, porém a ocupa inteira. É a grande envolvente de tudo o mais. As coisas que buscamos, que queremos, que nos interessam, pelas quais labutamos, têm todas como pano de fundo essa elusiva, essa improvável felicidade. Interessam-nos à medida que irão contribuir à felicidade, ou torná-la mais provável, ou restabelecê-la se a perdemos, e isto mostra a desproporção entre a importância intelectual que se lhe deu e o peso real, absorvente, imenso que tem em nossa vida." (MARIAS, 1989, p.15)

Há duas grandes possibilidades de interpretação para o que podemos chamar de felicidade. Podemos tomá-la como 'momentos' felizes ou na sua totalidade. Neste sentido, encontramos a concepção dos gregos: para eles, nenhum vivente poderia considerar-se feliz, porque nunca saberia o que poderia acontecer, e como pode terminar. Só depois que um homem tinha morrido se poderia de fato dizer se ele foi feliz ou não.

Para Aristóteles, tanto o vulgo como as pessoas cultas dizem que o bem supremo é a felicidade. - Mas, afinal o que é Felicidade? Em primeiro lugar, é uma atividade própria do homem. Não é só a vida, pois as plantas e os animais também a tem em comum. Também não é só sentir, pois o cavalo, o boi e os outros animais também sentem. - Então deve ser uma atividade da alma conforme a razão e não contrária a ela. No Livro X, do Ética a Nicômacos, Aristóteles afirma: "Todos preferem coisas agradáveis e fogem das dolorosas."

Os homens e os animais procuram o prazer. O prazer aperfeiçoa o ato, e sem atividade não se produz prazer, e este torna perfeita toda a atividade. A atividade, de fato, é aumentada pelo próprio prazer. É preciso colocar a felicidade em certa atividade. A vida feliz parece estar conforme a virtude; mas esta vida é de sério esforço e não de divertimento. Em outros termos, a felicidade consiste na execução de uma atividade que seja própria do homem. Nos dias de hoje, poderíamos realizar uma transposição com o trabalho: quando nos realizamos naquilo que fazemos, somos felizes, porque é algo que só depende de nós e ainda que tudo em volta não esteja exatamente como desejamos ou gostaríamos, nesta atividade nos entregamos e somos felizes. A felicidade ativa está de acordo com a virtude, pois o homem encontra prazer em si mesmo. Um segundo elemento, nos bens exteriores, conquistados exatamente por conta da excelência e da virtude:

“Não se conquistam e conservam as virtudes com os bens exteriores, mas estes com aquelas... Está fora de discussão, pois que cada um toca tanto de felicidade como de virtude que possua e de sabedoria e conduta em conformidade com elas: e Deus é testemunha, pois é feliz e bem-aventurado, não por bem exterior algum, mas por si mesmo e por ter tal natureza.” (Política, VII,1,1).

O homem feliz vive bem e se conduz bem. Ela condiz com a atividade pela busca da excelência, de modo que ele suportará as vicissitudes com maior galhardia e dignidade. Também requer bens exteriores – beleza, bons filhos/ estirpe/ ou boa sorte. Sem isto, “se empana a felicidade”. Uma existência completa. (vicissitudes da vida). (Só podemos dizer se realmente fomos felizes depois de morto. Não se pode considerar feliz uma pessoa que teve um final lastimável).

Para Sêneca, pensador romano do século I d.C, foi membro do Senado e tutor de Nero. Adepto do estoicismo, Sêneca escreveu vários livros, dentre os quais se destaca a A Vida Feliz. A filosofia estóica afirma a ataraxia: a ausência de paixão, como sinônimo de felicidade. O homem não deve se deixar levar por suas paixões, antes deve reduzir as expectativas, assim reduz também os

extremos – tanto na dor quanto na felicidade. Não se detém nem se deixa abater com certos eventos. Deve-se viver sem temores nem receios. Segundo Sêneca, “Bestas e pedras vivem sem temores nem tristeza. Feliz é o homem que se contenta com seu estado e condição”. (Sêneca,)

O prazer não se separa da virtude, porque ela é o princípio de todo o bem. O homem deve seguir a vida correta e não a mais agradável, o prazer deve ser companheiro da boa vontade.(vida segundo a natureza) - Mas como? Conservando seus dotes físicos e inclinações naturais; mirando a virtude, o homem encontrará o prazer, o que implicará numa existência feliz e satisfeita.

A virtude sacode tudo isso, questiona o prazer e o contrapesa antes de acolhê-lo. Pode-se, portanto: Consumir-se no prazer ou tê-lo comedidamente; ser escravo do gozo ou se servir dele. Se o prazer prevalecer, como resistir ao cansaço, ao perigo, à pobreza, às ameaças que pairam sobre a vida? Como suportará a visão da morte, as dores, a fúria dos elementos, os inimigos obstinados. Quem submete o prazer à virtude, aprendeu a viver. Do prazer, devemos usufruir, mas devemos ser senhor dele. A ausência de prazer, atormenta e o excesso, sufoca. Aqueles que se abandonam à lascívia desregrada vão ao encontro de grandes desgraças. Quanto mais intensos, mais subjugam.

“se não constróis a virtude sobre sólido embasamento, como pretender que floresça sobre a areia movediça? Que será mais instável que esperar o sopro dos bons ventos da ventura? Ou as mutações físicas no corpo e as agressões que o golpeiam? É tolice ignorar sua própria condição lamentando-se pelo que lhe falta ou aflije, ou ainda indignar-se pelas adversidades que atingem bons e maus: enfermidades, luto, doenças graves e todas as outras contraditoriedades da existência humana. Cabe acalmar-se e suportar”.(SÊNECA: A VIDA FELIZ, P.34)

O estóico quer ver-se longe da infelicidade: reduzindo as expectativas, reduz também os extremos – tanto na dor quanto na felicidade, mas talvez não saiba o que é a verdadeira felicidade, segundo Nietzsche:

“Ele está preparado, veste-se com um casaco que o protege da chuva forte, e então pode caminhar, ele não se detém nem se deixa destruir com certos eventos. Entretanto, apesar desta filosofia nos indicar uma maneira de como viver; o estóico não conseguirá sentir o que é de fato uma felicidade, vivida em toda sua plenitude e intensidade, ou seja, a ele lhe será negada a oportunidade de viver ‘fora da história’.”(NIETZSCHE, 1988, 69)

Para Nietzsche, a felicidade está atrelada ao transbordamento, que só será possível se a nossa capacidade de esquecimento não tiver sido afetada a ponto de comprometer nossa psique. O esquecimento possibilita a ação, nos impulsiona em busca daquilo que acreditamos ser nossa felicidade.

“(…) Para me expressar em termos mais eruditos, a capacidade de nos sentirmos *fora-da-história*. Quem não é capaz de repousar, esquecendo todo o passado no umbral do momento, quem não pode pôr-se de pé um instante, sem vertigem e nem temor como uma deusa da vitória, não saberá que coisa é a felicidade e o pior ainda, não fará nada para dar felicidade aos outros.” (Nietzsche: 2010, p3)

Este tipo de homem não se prepara, não está advertido para os fatos da vida, mas certamente, desta forma, sua existência é preenchida de nuances coloridas e refinadas, ele consegue viver o presente, como se nada mais existisse além daquele momento, seu rosto é expressivo e revela as emoções de seu coração.

Todavia, viver oscilando entre constantes extremos, abriga grandes perigos. Nem todos os homens são fortes o suficiente para suportar determinadas situações. Para alguns, a mesma circunstância pode ser catastrófica.

“ (...) é necessário saber com exatidão quanto há de força plástica em um indivíduo, um povo, uma cultura. Me refiro a esta força de crescer por si mesma, de uma força que lhe é própria, de transformar e incorporar as coisas do passado, e o heterogêneo, de gerir e de cicatrizar as feridas, de recolocar o que foi perdido, de refazer por si mesmo as formas quebradas. Há homens que possuem um grau tão escasso desta força que só uma experiência, uma só dor, até mesmo uma só ligeira injustiça é irremediavelmente perigosa, como se todo o seu sangue se esvaísse por uma pequena arranhadura. Há, de outra parte, aqueles que são tão invulneráveis que os acidentes mais selvagens e as mais horríveis desgraças da vida e mesmo atos de sua própria maldade são como doses pequenas em meio as crises mais violentas, ou logo após esta, reencontram um bem-estar e uma espécie de consciência tranqüila. Quanto mais forte for a natureza interior de um homem, mais ele se apropriará de parcelas do passado. Podemos imaginar a natureza mais potente e sua força formidável se reconhecera naquele que tivesse abolido o limite para além do qual o sentido histórico se tornasse atuante de forma opressiva ou parasitária. Esta natureza atrairia para si todo o passado o seu próprio e dos outros, ele os absorveria e o converteria em seu próprio sangue. Uma natureza assim sabe esquecer aquilo que não pode dominar, isto não existe para ela, o horizonte está fechado e completo, nada guarda daquele horizonte de homens, de paixões, de doutrinas, e objetivos.” (NIETZSCHE, 2010, p.5)

Esta força plástica de que nos fala Nietzsche na 2ª Extemporânea reside na nossa capacidade de esquecer, de esquecer certos acontecimentos do passado. Talvez fosse - de fato - para nós, muito mais aprazível se pudéssemos viver felizes como o animal, já que ele vive com intensidade o presente sem se recordar do passado ou criar expectativas em relação ao futuro.

“Observe o rebanho que pasta, de nada ele sabe, nem o que foi ontem e o que é hoje. Salta de um lado para o outro, come, descansa, ruma, salta de novo e assim de manhã à noite, dia após dia, ligado ao seu prazer e sua dor, ao impulso do instante, sem melancolia nem saciedade. É duro para o homem compreender isto – pois se orgulha de sua condição humana frente aos animais, entretanto inveja tal felicidade. Efetivamente ele deseja viver como o animal sem saciedade nem dor, mas ao querê-lo não o quer como o animal. “Por que não me falas de tua felicidade e te limitas a olhar-me?” (Warum redest du mir nicht von deinem Glücke und siehst mir nur an?) O animal gostaria de responder – “É que eu esqueço exatamente aquilo que queria dizer.” Até mesmo esta resposta é afogada no esquecimento e se cala, de modo que o homem se assombra.”(NIETZSCHE, 2010, P.4)

Neste sentido, falar sobre felicidade requer pensar numa dificuldade já está instalada em nós: muitas vezes nos prendemos ao passado, como se lá tivéssemos sido felizes, lá estão cristalizados os melhores momentos de modo que muitas vezes impedimos de que estes bons momentos sejam vivenciados também no presente, ou, pelo contrário, temos tantas expectativas em relação ao futuro que mal conseguimos suportar o presente.

”Mas o homem também se admira de si mesmo pelo fato de não aprender a esquecer e estar sempre atrelado ao passado. Por mais longe que vá, por mais depressa que corra, suas algemas correm com ele. É um verdadeiro prodígio: o instante de repente está aqui, de repente desaparece. Surge do nada e em nada se desvanece. Retorna, como um fantasma, para perturbar a paz de um momento posterior. Continuamente, como uma página que se destaca do ‘livro’ do tempo, cai, flutuando e reaparece e pousa nos ombros do homem. (...) É por isso que ele se comove, como se se recordasse do paraíso perdido se admira ao ver um rebanho no pasto, ou num círculo mais familiar, uma criança que não lembra de nada do passado e que não o nega e que em sua feliz cegueira se concentra em suas brincadeiras entre as valas do passado e do futuro. E que, contudo, não poderá assim ficar para sempre, um dia esse jogo será interrompido. Em seguida, apreenderá a palavra ‘foi’, uma

palavra poente com que tem acesso como homem - luta, dor e desgosto, para recordá-lo de que sua existência é fundamentalmente uma imperfeição que nunca há de completar-se.” (NIETZSCHE, 2010, P5)

Neste jogo da vida, segundo Nietzsche, a sabedoria consiste em lembrar a tempo, para que não recaiamos nos mesmos erros do passado, e esquecer a tempo para que não nos afogemos em lágrimas e em ressentimentos que só nos farão mal, e esta medida só pode dar-se no particular.

Em outros termos, pensar sobre esta questão nos remete, então, à idéia de como viver. Mas a partir das considerações heideggerianas, podemos elencar também outros elementos, já que somos um tempo que nos resta, precisamos definir ‘com quê’ ou ‘com quem’, gastaremos este tempo.

Já falamos sobre o como – não há como modificar determinados fatos da vida, mas podemos modificar a maneira como olhamos e lidamos com eles. De um lado, podemos viver estoicamente. Isso significa ser praticamente um herói na medida em que mantemos a serenidade e a constância da nossa razão, preparados para as adversidades; e por outro lado, podemos viver intempestivamente, vivenciando tudo o que a vida tem a nos oferecer, é como aquele marinheiro que ama o mar, e quando chega a tormenta e a chuva forte balança o pequeno navio, sente o frio e a chuva que molha o seu rosto e sente prazer em querer mais. Ele quer mais é viver, não importando com o que virá depois, quer sentir o frio e a tempestade, isto fortalece suas veias e ossos, teme, mas enfrenta, não se esquivava da dor, nem do medo, nem da tempestade. Isso o torna mais forte. “o que não me mata me fortalece”. Há neste modo, intensidade e laceramento, há construção e destruição de si próprio, um êxtase que despedaça, uma tristeza que âncora.

Certamente, quando nascemos nossa família cria uma série de expectativas em relação àquilo que seremos. Imaginam e conjecturam sobre o nosso modo de ser, nossos gostos e valores. Entretanto, para acalorar esta exposição uma boa razão para ampliar nossa vontade de viver, sem que seja necessário nos aprofundarmos nos conceitos de vontade de potência de Nietzsche e tudo o

que este conceito implica, é como nos realizaremos como pessoa, simplesmente sendo feliz trabalhando naquilo que gosta.

Sabemos das dificuldades que este contexto histórico nos impõe com o capitalismo financeiro e suas condições de trabalho, pouquíssimas pessoas ousarão, visto que a necessidade é imperiosa e obriga todos os dias milhões de pessoas se submeterem a trabalhos alienantes e que pouco as realizam enquanto ser. Não queremos ser ingênuos a este respeito. Mas na medida das possibilidades, é preciso muitas vezes ousar e desafiar normas e chavões pré-estabelecidos, pois em todas as profissões temos riscos, há um exército de reserva que amontoa pessoas como coisas diariamente.

Mas só há um jeito de ser feliz nesta vida, é fazendo aquilo que se gosta, que tem prazer naquilo que faz, este é um dos grandes motivos para honrar e ser gratos para com a vida, neste momento você é mais você. Aristóteles falará nesta possibilidade com a busca pela excelência, não porque os outros esperam, mas porque há realização de si. Não devemos nos iludir com a busca pelo sucesso, como se ele fosse o único valor essencial – sucesso e dinheiro – valores da sociedade pós-moderna. É bem possível ter sucesso, sendo um bom profissional, fazendo o que se gosta. Neste sentido, podemos nos considerar privilegiados, pois neste ambiente, acredito que todos vislumbram esta possibilidade.

Diante de tudo o que foi dito, só nos resta viver. Dor e prazer, desencontro, pranto, amor e amigos são elementos que fazem parte da vida. “Que privilégio é viver! Que privilégio é saber que esta vida não será mais vivida por ninguém, que privilégio é poder saber que se é um fenômeno irrepetível”. (NIETZSCHE)

Finalizando a entrevista, nos deparamos com a pergunta: Quais são as maneiras de se buscar a felicidade. Valemo-nos das palavras de Marias:

“um fator capital para confundir e dificultar o conhecimento da figura e do estado de felicidade é o fato do homem mover-se sobre um fundo de

pressupostos vigentes, crenças sociais no sentido rigoroso da palavra, que influem decisivamente em nossa maneira de viver a realidade. (...) Na época atual tem enorme vigência o econômico, dá-se por pressuposto que é o que primariamente interessa. É verdade?" (MARIAS, 1989, p.59).

Há várias questões que poderiam ser colocadas a partir desta pergunta. Há muitos agravantes que se tornam obstáculo para a felicidade, a própria estrutura social, o acaso, as circunstâncias, mas o pior é não ousar. "Cada um de nós deveria perguntar-se: como sou feliz, em que estado me acho, e em que consiste essa mescla normal de felicidade e de infelicidade que é a vida humana. (Marias, 1989, p.67)

Talvez aqui, caiba o pensamento de Nietzsche – viver a vida com intensidade. E então, resta a pergunta, escolhemos ou não ser felizes?

Em parte sim, não podemos escolher o que nos acontece, mas depende exclusivamente de nós o que faremos com o que nos acontece. Podemos lamentar para o resto da vida, nos ressentirmos com a vida, e assim ficarmos presos ao passado, o que, conseqüentemente, nos impedirá uma nova ação no futuro. Podemos estar ancorados como os grandes navios sem poder sair do lugar, ou então, podemos esquecer, aceitar o que aconteceu como parte de nossa história, admitindo que fizemos nosso melhor naquele momento, e zarparmos em direção ao futuro. Ser feliz não significa não viver, mas, como Nietzsche, viver a vida intensamente, aprender que o sofrimento é um elemento alquímico – transmuta a dor em conhecimento.

Neste tempo que se esgota que somos todos nós – o com quem – é de crucial importância para a vontade de viver. Ter amigos verdadeiros são como grandes pilares onde deitamos nossas lágrimas e cansaço, onde temos confiança para abrimo-nos para o nosso próprio ser, pois o amigo é um espelho querido que tem o grande mérito de dizer verdades, que muitas vezes, não queremos ver sobre nós mesmos.

Um grande amor, uma grande paixão, independentemente do final, fazem com que no *continuum* do cotidiano, figurem pontos de luz, iluminados pela alegria do encontro, uma felicidade que dá sentido a nossa vida, que provoca nuances coloridas e, antes de tudo, nos proporciona o 'aprontamento de si mesmo'. Ter vivido um grande amor, ter grandes amigos, conseguir encontrar a felicidade nas cenas mais corriqueiras do cotidiano, fortalece o homem, faz com que ele diga Sim à Vida, sempre com gratidão e dono de si mesmo. E independentemente da nossa condição social, aprendamos com Sêneca, a nos conformar, (claro, desde que supridas nossas necessidades básicas), visto que a vida é um presente, tudo pode ficar melhor se apreciarmos que o que importa mesmo é viver!!

Anexo I – Vai de Madureira (Zeca Baleiro)

Se não tem água Perrier
Eu não vou me aperrear
Se não tiver o que comer,
Não precisa caviar
Se faltar molho rose no dendê
No dendê vou me acabar
Se não tiver Moet Chandon
Cachaça vai apanhar
Esquece Ilhas Caiman
Deposita em Paquetá

Se não posso um Cordon Bleu,
Cabidela e vatapá
Quem não tem Beverly Hills
Mora no BNH
Quem não pode, quem não pode
Nova York, vai de Madureira

Se não tem Empório Armani
Vou na Creuza
Costureira do oitavo andar
Se não rola aquele almoço no Fasano
Vou na Vila, vou comer feijoada da Zilá
Só ponho Reebok no meu samba
Quando a sola do meu bamba chegar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ARISTÓTELES – A POLÍTICA. São Paulo, Publifolha, 2010
ARISTÓTELES – ÉTICA A NICOMACOS. Brasília, UnB, 2008.
MARIAS, JULIAN – A FELICIDADE HUMANA. São Paulo, Duas Cidades, 1989.
SÊNECA – A VIDA FELIZ. Campinas. Ed. Pontes, 1989
NIETZSCHE – 2ª EXTEMPORÂNEA. In Revista Pandora Brasil n.15, 2010
tradução: Ângela Zamora Cilento e Fransmar Costa Lima
NIETZSCHE – SOBRE VERDADE E MENTIRA NO SENTIDO EXTRA-MORAL. São Paulo, Ed. Cortez, 1988
BALEIRO, ZECA – VAI DE MADUREIRA. in <http://letras.terra.com.br/zeca-baleiro/1324126/>